

Entrevistado: Roosevelt Dias Beltrão

Entrevistadora: Isabella Verdolin Neves

Isabella Verdolin Neves: Pode começar!

Roosevelt Dias Beltrão: Meu nome é Roosevelt Dias Beltrão, sou mineiro da velha, tradicional e piedosa, São João Del Rei, berço de Tiradentes, Tancredo Neves e outros... da história do Brasil. Estou em Brasília desde 1959, vim direto de São João Del Rei para cá, para ser bancário, fui bancário do Banco da Lavoura de Minas Gerais até 1962. Em outubro de 1960 tive o privilégio de inaugurar o primeiro Banco de Taguatinga, Banco Real Brasileiro. Pertencia ao Banco da Lavoura de Minas Gerais S/A. Em 1962 fui para outro banco mineiro, o Banco Hipotecário e agrícola do Estado de Minas Gerais, o Banco Central, por sinal era o segundo maior patrimônio do Brasil, o Banco Hipotecário. Em 1968, juntamente com 18 gerentes de banco lancei o conjunto nacional brasileiro, um empreendimento imobiliário que não deu certo. Tivemos então, que mandar uma equipe para a Europa, para Paris, e outra para os Estados Unidos, para que essa equipe aprendesse alguma coisa sobre shopping center. Que aqui no Brasil só tínhamos o shopping center Guatemi, em São Paulo, no Brasil não tinha experiência em shopping center. Então, nós fomos o segundo shopping center no Brasil, com a... experiência que deu certo então, e... estamos aqui até hoje. Longa direção do shopping e estamos em Brasília. Hoje sou presidente do banco, um dos pioneiros de Brasília, um grupo fundado em 1974, pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, mineiro de Diamantina, o maior brasileiro que nós temos na história. Estamos aqui até hoje.

Isabella Verdolin Neves: Da Brasília de quando o senhor chegou para a Brasília hoje, o quê que o senhor sentiu que ficou a mesma coisa e o quê que o senhor acha que mudou demais?

Roosevelt Dias Beltrão: A gente foi acostumando com as... Quando eu cheguei não tinha nada, tinha poeira na época da seca e barro na época da chuva. A cidade foi crescendo, teve a inauguração, foi crescendo e crescendo... Aí surgiu esse gigante aí. Pelo que estou endo agora aqui, não existia, não via esses prédios nascerem, acho que surgiram do nada. Hoje uma cidade confortável, quem mora aqui não quer sair daqui, domingo vai fazer um passeio primeiro na cidade natal, no Rio, São Paulo, a gente 'fica doido' pra voltar.

Isabella Verdolin Neves: Como é ocorreu a fundação do clube dos pioneiros?

Roosevelt Dias Beltrão: Foi fundado em dezembro de 1974, a pedido do presidente Juscelino Kubitschek, ele queria que a história de Brasília fosse perpetuada, fosse preservada e perpetuada. Então a função precípua do clube dos pioneiros é preservar a história de Brasília, é preservar seus movimentos, é preservar a história daqueles que a fizeram.

Isabella Verdolin Neves: Tem algum caso, alguma coisa pitoresca que o senhor possa contar para a gente?

Roosevelt Dias Beltrão: Tem muitos casos que aconteceram aqui. Assim de... pitoresco, quando o Juscelino vinha nos visitar, na Cidade Livre, 1959, 1960. E tinha um genro, chamava-se de Lacerdinha, levanta de noite e se tivesse um peixe ia junto, sabe? Isso não foi gravado. E naquela época de 1960, 1959 havia muito incêndio na Cidade Livre, dez, vinte, trinta. Cinquenta casas sumia no fogo assim, em minutos. No dia seguinte, já estava lá reconstruindo os barracos, a Cidade Livre que dava sustento aqui para Brasília.

Isabella Verdolin Neves: O senhor chegou a morar na Cidade Livre?

Roosevelt Dias Beltrão: Morei na Cidade Livre.

Isabella Verdolin Neves: Como é que era morar na Cidade Livre?

Roosevelt Dias Beltrão: Na Cidade Livre não tinha água encanada, não tinha luz, a luz era de gerador, tinha que alugar um gerador para colocar na... O Banco da Lavoura, eu morei no Banco da Lavoura e no Banco do Brasil. Lavoura tinha um gerador próprio, Banco do Brasil também tinha outro. A água vinha do caminhão pipa, tomava banho, esfregava bem, quando ia enxugar a toalha saía suja de terra, isso acontecia todo dia. Não adiantava você esfregar que ficava um restinho de terra para sair na toalha.

Isabella Verdolin Neves: Como vocês se divertiam?

Roosevelt Dias Beltrão: Diversão, a Cidade Livre tinha, por exemplo, a boate United, tinha outras boates lá. Diversão mais era trabalho. O banco, por exemplo, após o... de carreira, você atravessava a noite trabalhando batendo... hoje chama-se de boleto. Os lotes que a TH pedia para todo o Brasil, o Banco da Lavoura a gente fazia cobrança. E nós funcionários tinha um dinheirinho extra batendo boleto. Passava a noite batendo boleto. Milhares e milhares de boleto.

Isabella Verdolin Neves: Como é que era assim, a convivência com a vizinhança?

Roosevelt Dias Beltrão: Era muito saudável, tudo civilizado, não existia ladrões, não tinha assaltantes, nada disso. Aqui só ficava aberto. Às vezes eu vinha aqui buscar dinheiro no Banco do Brasil... para a cidade de Taguatinga, ia sozinho levando 20 milhões em dinheiro, sem segurança nem nada. Era outra realidade, não existia a figura do assaltante, era tranquilo.

Isabella Verdolin Neves: Essa turma de quando o senhor chegou, quem mais está aqui no clube com o senhor?

Roosevelt Dias Beltrão: Aqui do clube? Ah... tem, pioneiro morre, todo final de semana more um, escolhe um final de semana pra morrer. No cemitério nós temos um espaço destinado aos pioneiros, quem autoriza o sepultamento somos nós os pioneiros, mas têm muitos pioneiros vivos ainda. Oscar Niemayer é o exemplo, está com cento e tantos anos de vida e está aí fazendo desenho arquitetônico até hoje. Têm vários pioneiros.

Isabella Verdolin Neves: Vocês realizam reuniões aqui?

Roosevelt Dias Beltrão: O clube dos pioneiros está tendo uma reunião anual, quando a gente reúne geralmente no Iate Clube, mais ou menos de 800 a mil pioneiros. É uma grande festa, um grande baile, a gente sempre traz atrações com música daquela época e, foi uma reunião espetacular. Ali você encontra amigos, daquela época de 1960, 1959, 1962. Existe a troca de ideias, lembrando o passado, o passado gostoso que nós tivemos aqui.

Isabella Verdolin Neves: Como eram os eventos em Brasília logo no começo? Brasília foi inaugurada em 60, o clube já estava...

Roosevelt Dias Beltrão: 1974.

Isabella Verdolin Neves: É. Entre 1960 e 1974, vocês se encontravam também informalmente?

Roosevelt Dias Beltrão: Antigamente existia o baile da cidade, existia o baile verde e branco, era reunião dos pioneiros da época. Promovido pelo governo do Distrito Federal, hoje quem promove essa reunião é suas espécies, é alguns pioneiros. Não tinha ajuda de ninguém, o governo pensa que Brasília nasceu do jeito que está. Mas como sabe que eles estão governando aí, que alguém que construiu a cidade. Quem construiu a cidade são os pioneiros, e eles não dão a mínima, não dão o menor valor para nós pioneiros, nós temos que promover os encontros sem ajuda de ninguém. Então nós temos conseguido melhora, amanhã, por exemplo, nós vamos homenagear um pioneiro de 1960, é o Antônio Bastos Ramos, do cartório da segunda... de imóveis, ele completa 70 anos e nós vamos homenagear ele. Com um almoço na churrascaria Porcão, vai ser um encontro bonito, mas um encontro melódico. Vamos entregar a ele a medalha Grã Cruz da Ordem dos Pioneiros, é a maior comenda que nós temos aqui. E ele fez e faz por merecer, pela sua honestidade, pela sua longura.

Isabella Verdolin Neves: Tem alguma coisa assim dessa época, desde o clube, ou mesmo antes dos pioneiros existirem, coisas da cidade, por exemplo, como é que era sair de casa, chegar no trabalho?

Roosevelt Dias Beltrão: Daqui a Taguatinga, por exemplo, gastava 15 minutos. Daqui a Sobradinho, 15 minutos; daqui a Guará, 10 minutos. Hoje gasta-se mais de uma hora nesse deslocamento, a gente fazia em 10, 15 minutos, é uma hora, que o número de carros, que a pista está mal ocupada é muito grande. Os governos que nós tivemos aqui, que arrumaram as estradas, as vias de acesso, colocou o metro, mas nem por isso, o trânsito não estacionou, é caótico. Eu quero tirar uma foto daquilo que precisa limpar para fazer um revezamento pela rede municipal, alguma coisa desse tipo. É uma tristeza assim. Para ir ou voltar para... é uma hora, duas horas de viagem.

Isabella Verdolin Neves: O pessoal que morava na Cidade Livre ainda moram lá?

Roosevelt Dias Beltrão: Moram. A Cidade livre não é mais o que era. É construção de alvenaria. Mas está muito engraçadinha ainda. Acabou aquela poesia de 60, né?

Isabella Verdolin Neves: É, mas ainda tem cara de cidade do interior, né?

Roosevelt Dias Beltrão: Tá agradável ainda.

Isabella Verdolin Neves: E o que era um programa, assim, depois que a cidade foi inaugurada, que a cidade livre foi mudando também, que era assim, o que que cês tinham de programa no final de semana? Quê que era uma diversão assim, imperdível?

Roosevelt Dias Beltrão: Naquele tempo, a gente ia até Formosa, tinha a lagoa feia lá. Tem um escape imenso. Ia pra uma chácara, entendeu? O clube não existia ainda, não existia o iate... como é hoje. Isso naquela época, hoje tem vários clubes, o Iate Clube de Brasília, por exemplo, temos outros clubes. Naquele tempo tinha que inventar. Ia passear em cruzeiro, ia ver uma cidade pronta, Luziânia, Anápolis, por exemplo. Formosa é uma cidade pronta, na fase meio que em obra, poeira, barro, saía um pouquinho pra espairecer.

Isabella Verdolin Neves: Como é que foi quando vocês fundaram o clube, em 1974, o Juscelino participou da fundação?

Roosevelt Dias Beltrão: Da fundação participou, na reunião inaugural tem a presença dele, nós demos entrada aí com a presença dele.

Isabella Verdolin Neves: Tem algo mais da convivência de vocês aqui no Clube dos Pioneiros, assim, que o senhor acha importante a gente acrescentar, registrar... alguma coisa aqui do clube que o senhor queira ressaltar, enfatizar?

Roosevelt Dias Beltrão: Existe sim, mas não importa tanto. Nós estamos tentando construir a nossa sede. Nós temos um lote no setor de esportivo sul, um lote muito bom, mas não temos verba pra construir, a gente teria que gastar de 5 a 6 milhões. É quase que impossível levantar esse dinheiro, seria fácil se o governador tivesse interesse, sem encostar com os pés nas costas. Ao invés de querer comissão dos empreiteiros, transformar-se-ia essas comissões em obra do povo, mas nenhum desses... O atual aí, o Agnelo pensa diferente, né? Mas estou quase desanimado, sabe?

Isabella Verdolin Neves: Não desanima não.

Roosevelt Dias Beltrão: A luta.

Isabella Verdolin Neves: Pode desanimar não. Quando Juscelino começou essa cidade falaram que ele não iria conseguir, em três anos ela estava em pé (risos).

Roosevelt Dias Beltrão: Eu já falei isso, já falei. O Juscelino tinha mais força que a gente. Ele tinha uma pedra no sapato dele do tamanho de um bonde que não cabe na serra. Aquilo é implacável, hoje não tem essa. O presidente governa aí a vontade, não tem... O Juscelino passou, oposição hoje não é nada, oposição ferrenha era de tempos do Juscelino.

Isabella Verdolin Neves: Será que vai aparecer outro tipo o Juscelino?

Roosevelt Dias Beltrão: Não, não. Talvez daqui uns duzentos anos. Mas não o Juscelino, parecido com ele. Igual não, igual não aparece. Por que o mineiro tinha estrela também. Mineiro de visão tinha estrela. Muita simpatia que ele tinha, ele teve um companheiro leal e firme com ele, que foi o Israel Pinheiro. Ele sobrevoava Brasília em 1963, e Juscelino ensinava o meu Deus, se não fosse o Israel eu não teria conseguido construir Brasília. No ano passado eu consegui fazer duas coisas pelo clube aqui e com a ajuda do Exército Brasileiro, eu consegui restaurar um Mercedes Benz que

ele comprou em 1962 para fazer a campanha de 1965. Esse Mercedes estava jogado numa, na fazenda que foi dele lá em Luzena. Foi prendendo tomaram de novo, guardamos o carro, fomos lá entregamos para o exército, o exército devolveu o carro novo. Consegui também restaurar... era a neta dele, a Ana Cristina, uma pessoa formidável arruma uma das festas do clube no iate, para o general comandante da região aqui. Ela contou: general, o senhor não poderia restaurar o último carro do meu avô? Posso sim. E foi, o exército pegou o carro que tava no Memorial JK levou lá para o sexto... e restaurou peça por peça do carro, o carro ficou melhor que zero, às custas do Memorial JK. Isso graças ao exército brasileiro.

Isabella Verdolin Neves: Tem que ter alguém cuidando dessas coisas.

Roosevelt Dias Beltrão: Tem que ter alguém com sensibilidade, poucos tem.

Isabella Verdolin Neves: O senhor lembra de mais alguma visita do Juscelino?

Roosevelt Dias Beltrão: Não. Lembro dele fiscalizando as obras também, Catetinho despachando. Catetinho não sei se você sabe foi o balaço de tábuas com amigos de Juscelino de Belo Horizonte, o Célio da Prata, o Carlos Prates e outros construíram o palácio de catetinho, isso não dando 10, 12 dias. Está lá até hoje. Tinha sala de despacho, o quarto dele e mais outro quarto, tinha a parte de baixo, ficou um espetáculo. Isso em 10, 15 dias e sem ônus para o governo, sem ônus para o Brasil. Fizeram e deram de presente para o Juscelino vai levando e despachado.

Isabella Verdolin Neves: E ele gostava de lá assim...

Roosevelt Dias Beltrão: Gostava, fazia seresta. Quando era inverno e no aniversário dele, no dia 12 de setembro, eu tive a felicidade de trazer um grupo de crioulo, em Diamantina, de seresteiros. Tivemos a maior seresta no lote do grupo. Tinha as barracas, fizemos uma seresta espetacular. Quando esse pessoal começou a tocar emocionou a todos, não teve ninguém presente que não chorasse, os familiares dele choraram, a avó disse...

Isabella Verdolin Neves: O que o senhor se lembra de quando o senhor chegou aqui?

Roosevelt Dias Beltrão: Ah, tem muita coisa que está mudada. Sete gabaritos de... foram aumentados. Agora o Zé Aparecido, que foi nosso governador, teve o privilégio de... transformar Brasília em patrimônio da humanidade. Eu não estou podendo mexer muito aqui não. A ganância imobiliária, se deixasse por conta dessa ganância, ele teria transformado Brasília em um parque, tinha acabado o parque ia ser prédio. Mas esse decreto do Zé Aparecido com o apoio da ONG entravaram, esse crescimento desordenado. Brasília inchou muito, Brasília era pra ter 500 mil habitantes entre 1900 e o ano de 2000 tem 5 milhões quase. Não há sistema viário que aguento.

Isabella Verdolin Neves: Mas o quê que o senhor acha que ainda parece com aquela Brasília, o que ficou?

Roosevelt Dias Beltrão: Ah, muita coisa ficou, só não tem mais aquela poesia, que era gostoso, mas muita coisa ficou.

Isabella Verdolin Neves: O quê que tinha assim de festa, de música, o que que é que usava mais?



Roosevelt Dias Beltrão: Brasília sempre foi pobre nesse sentido. É... Brasília tem que arrumar um meio de prender o turista aqui, nós não temos turista de final de semana. O turista que vem aqui não é como turismo, é para poder resolver problema de Ministério. Nós temos que arrumar um jeito, o setor hoteleiro tem que arrumar um jeito de prender o turista no final de semana. Seria excelente pra Brasília. Isso é ruim pro próprio turismo, para a classe hoteleira.

Isabella Verdolin Neves: Há alguma coisa que eu não tenha perguntado e que o senhor queira acrescentar?

Roosevelt Dias Beltrão: Não, está bom.

Roosevelt Dias Beltrão: Queria agradecer você a oportunidade.

Isabella Verdolin Neves: Eu que agradeço.